

Joana Carolina Schossler
Mestranda do PPGH (PUCRS)
E-mail: joana.schossler@gmail.com

RESUMO: Na Europa, desde o século XVIII, as práticas de banhos terapêuticos em águas termais ou marítimas, foram utilizadas pela medicina para o tratamento de uma variedade de doenças. No Rio Grande do Sul, a difusão das técnicas hidrominerais, obteve repercussão no final do século XIX. No entanto, seu uso passou a ser empregado e intensificado no início do século XX, quando a procura pelas águas “milagrosas” de Iraí ou os banhos nas águas geladas das praias do Rio Grande do Sul, tornaram-se frequentes, conforme a prescrição médica, para a cura das moléstias ou simples profilaxia. O presente trabalho pretende mostrar, através da bibliografia especializada, fonte Oral, anúncios em jornais (Correio do Povo e o Almanaque Kalender) e matérias da Revista do Globo, como a difusão das práticas hidroterapêuticas em voga no início do século XX foram incorporadas por curistas, que adotaram inicialmente o tratamento de cura, que sem demora passou a ser praticado nos modos ludoterápicos.

Palavras- chave: Banhos medicinais, litoral, lazer, História do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

“Ir às curas” em águas termais ou marinhas pode ser um discurso ainda reproduzido nos dias atuais. No Rio Grande do Sul do final do século XIX, a prática da medicina natural e o tratamento hidroterápico, foram realizados de forma inicial, tendo seu uso exercitado por médicos alemães, como demonstram alguns anúncios do jornal em língua alemã *Deutsche Zeitungm* (19/10/1895), que exibiam publicidades do médico Frederico Schmidt, que oferecia tratamento nos métodos alemães Kneipp, Kuhne e Walserm, em seu estabelecimento de banhos e cura natural (*Bade- und Naturheilanstalt*), localizado no Caminho Novo, n°. 389. Ainda neste mesmo jornal, matérias sobre as palestras proferidas por médicos alemães

referentes aos métodos naturais de cura, permitem inferir que o assunto não era estranho à comunidade teuto-brasileira na capital da província.*

No final do século XIX, não havia no Rio Grande do Sul estâncias hidrominerais que ofereciam tratamento médico. Este fator causava o deslocamento de alguns enfermos, que buscavam terapias nas águas européias ou da província vizinha. Como exemplo desta prática, podemos destacar o tratamento do Tenente Coronel de São Leopoldo, Julio Henrique Knorr, que recebeu licença de três meses para tratar seu reumatismo crônico numa estação de cura na província de Santa Catarina. A escritora Nísia Floresta, seguindo conselho de um médico do Rio de Janeiro, também embarcou para a Europa no início de 1849, para curar sua filha. (FRANCO, 2000:72). Neste sentido, cabe lembrar que a vilegiatura de curistas permitiu o desenvolvimento de vários balneários europeus, sejam de águas termais ou marinhas.

Além dos banhos por receita médica, a mudança de clima também era aconselhada pela medicina. Essa mudança de ares poderia ser temporária ou mesmo permanente. Por conselho médico, o alemão Wilhelm Rotermund viajou para o Brasil no início de novembro de 1874, radicando-se em São Leopoldo (RS), onde foi pároco de 1875 a 1917 (GERTZ, 2002:28).

No último quartel do século XIX, o escritor Aquiles Porto Alegre (2002: 126), mencionou o caráter medicinal dos banhos de mar na praia do Tramandaí onde “Pelos meses de dezembro e janeiro algumas famílias ricas e outras pobres, com algum doente, deixam a Capital e vão aos banhos do mar”.

A seguir, ver-se-á que banhos por prescrição médica se confundem com outras atividades como a mudança de clima, o entretenimento, o lazer e a própria vilegiatura.

POSOLOGIA, INFORMAÇÕES E EFEITOS CAUSADOS

Na Europa do século XVIII, ir às curas era uma prática difundida entre enfermos com o propósito de tratar uma variedade de doenças. No intuito de cura ou milagre, o tratamento em águas termais era indicado na maioria das vezes por médicos ou especialistas em hidrologia, para atenuar reumatismos, tosses, gota ou tratar a saúde da mulher.

Baseado no tratado de Hipócrates, pai da medicina, os elementos *ares, lugares e águas*, foram adotados como indispensáveis para curar ou aliviar más sensações. Ao que concerne o elemento aquoso, as poderosas águas do limite do território de Habsbourg, por exemplo, foram muito utilizadas na Alemanha, devido suas correntes benéficas, que atraíram pessoas sem, necessariamente, possuir alguma prescrição médica. Outro exemplo da utilização das

* *Deutsche Zeitung*, Porto Alegre, 22, 25 e 29 de outubro de 1895. Arquivo Benno Mentz/ILEA (UFRGS). Agradeço a Sílvia Marcos Correa pela referência.

águas deu-se por parte dos militares, que empregaram, igualmente, as águas fronteiriças para curar ou aliviar ferimentos, cicatrizes, disenteria e artrose (BOYER, 2008:47).

O uso das águas e sua frequência também estiveram atrelados às grandes revoluções que marcaram o século XVIII. Essas provocaram mudanças culturais, que foram incorporadas pela aristocracia, principalmente, britânica e francesa, que cristalizaram a relação entre cura e prazer, formas circunscritas desde a antiguidade.

Nos tempos modernos, os banhos praticados em águas de estâncias termais, sanatórios, casas de banhos e balneários, tiveram como pioneiros os ingleses, que foram, igualmente, os precursores na criação das estruturas balneárias, incorporadas, posteriormente, por alemães e franceses.

O conhecimento médico sobre o uso das práticas de banho, assim como a composição química das águas minerais, influenciou a procura pelas águas, principalmente da nobreza, que podia pagar a viagem dispendiosa (WEBER, 1998:221).

A preocupação médica em aliviar a melancolia e acalmar as ansiedades que se propagavam no interior das classes dominantes no século XVIII asseverou o imperativo médico, fazendo com que o mar penetrasse no horizonte dos atrativos. (CORBIN, 1987:69). Desta forma, conforme a orientação, o “médico prescrevia a estação, a hora, a duração e o número de banhos de sua temporada” (CORBIN, 1987:85).

No Brasil, a paisagem banhada pelas águas foi apreciada por curistas e banhistas. No Rio de Janeiro, a Floresta da Tijuca foi o lugar de refúgio escolhido pela família imperial para fugir do calor e das epidemias. Como salientou o pastor metodista Daniel Kidder em visita ao Rio de Janeiro, entre os anos de 1837 e 1840, “a mata próxima ao rio é muito procurada, principalmente por famílias estrangeiras, para benefício da manutenção da saúde, fuga do calor e eventuais epidemias que ainda não se manifestaram” (CAMARGO, 2007:271).

No Brasil, diferentemente da Europa, não existia a disciplina de hidrologia médica nas faculdades de medicina. A pouca frequência às estações de águas, justificava-se, segundo os próprios especialistas médicos, ao fato do pouco conhecimento sobre esta prática, que para eles era resultado da falta de estudo desta disciplina, que teria sido reivindicada no intuito de firmar um novo território médico (QUINTELA, 2004:254).

A forma profilática do conhecimento das águas termais, também foi propagada pelos manuais ou dicionários medicinais utilizados domesticamente. As referentes “enciclopédias” eram consideradas instrumentos essenciais para disseminar práticas e saberes aprovados pelas instituições médicas oficiais no cotidiano da população. O *Dicionário de medicina popular* de Chernoviz, por exemplo, obteve grande repercussão no Brasil e na Europa, pois trazia entre

outras referências, indicação dos locais termais, composição e possível tratamento a ser realizado nas diferentes águas. Entre a listagem das caldas, encontram-se as brasileiras Araxá, Caxambu e Poço de Caldas, todas localizadas em Minas Gerais.

Dentro deste contexto, as águas termais ganharam maior destaque, obtendo seu auge de frequência, nos primórdios do século XX. Conforme Stelio Marras, a primeira guerra impediu a ida da elite à Europa, tornando moda as estações de águas brasileiras. Porém, as águas já eram utilizadas desde o século XIX, pois “fazer uma estação de cura era uma boa justificativa para aqueles que viajavam para gozar do mundanismo, isto é, uma vida de prazeres e convenções sociais reservadas às elites” (MARRAS, 2008: 42-45).

No Rio Grande do Sul, o tratamento em águas termais ou marinhas, estava ligado às práticas difundidas na Europa. Esta significativa contribuição para repercussão das práticas medicinais deu-se devido à presença de imigrantes e, principalmente, aos médicos adeptos às técnicas hidroterapêuticas realizadas na Europa. Como representante dessas teorias aplicadas na região sulina estava o médico Ortenberg, que se encontrava no ano de 1908, em Santa Cruz do Sul, mas que logo retornou à Alemanha, para atuar como médico nas tropas alemãs, durante a Primeira Guerra Mundial. Neste período, Ortenberg declarou realizar o prazeroso “banho turco” (*hammam*), técnica que passou a aplicar, posteriormente, nas termas de Iraí, após seu regresso do período bélico (CORREA, 2008).

Outro método que foi difundido entre especialistas durante o século XIX, foi à técnica do alemão, precursor da hidroterapia, Sebastian Kneipp. Segundo Correa, “no final do século XIX, em *Hamburger Berg* houve um estabelecimento de saúde que seguia a hidroterapia de Kneipp”. Já em Santa Cruz do Sul, o médico naturista Eduard Kämpf, que seguia a técnica de Schroth (banhos de ar, luz e água), teria procurado uma localidade com boa fonte, para instalar um sanatório (CORREA, 2008:10). O autor, ainda lembra que Ortenberg e Kämpf trabalharam juntos na estação de cura em Santa Cruz do Sul, e que ambos frequentaram as termas de Iraí. Kämpf, inclusive, possuía anúncios no Almanaque de língua alemã *Kalender*, anunciando as técnicas de banhos elétricos e dieta natural (KALENDER, 1915). Outro anúncio no *Kalender*, da Casa de Saúde Porto Alegre, também destacava as técnicas de eletroterapia, banhos, ginástica e massagem, sob análise dos médicos Protásio Alves e Sebastião Leão (KALENDER, 1915).

Os anúncios sobre banhos terapêuticos em jornais de língua alemã parecem ter contribuído para a difusão e prática dos banhos hidroterapêuticos, pois assim como no *Kalender* anúncios no *Koseritz Deutsche Zeitung* (31/01/1885), também ofereciam “banhos de todas as maneiras para tratar doenças agudas ou crônicas”.

Apesar do conhecimento do corpo científico sobre as técnicas hidroterapêuticas, os banhos no final do século XIX, não tiveram a mesma evidência que no início do século XX. As *Águas de Mel*, como eram chamadas as de Iraí, data de 1894. No entanto, sua procura e usufruto deram-se somente após fevereiro de 1917, quando a comissão técnica do Estado estudou seu aproveitamento para a utilização terapêutica (REVISTA DO GLOBO, 1931).

Enquanto o parecer para a frequência das águas termais no Rio Grande do Sul tardava a ser consentido, a ida às águas não deixaram de ser um empecilho para aqueles que se interessavam pelo tratamento em voga na época. Como indício da popularidade da prática para fins terapêuticos, pode-se citar o tratamento hidrotermal do Tenente Coronel Comandante do 2º batalhão da Guarda de São Leopoldo, Julio Henrique Knorr, que recebeu em 1860, licença de três meses para usar as águas termais da província de Santa Catarina, a fim de tratar seu reumatismo crônico, considerado pelo presidente da sua província útil*.

Após a “descoberta” de Iraí e dos estudos técnicos da água, a frequência ao local teria se intensificado, porém, o balneário, nessas primeiras décadas, ainda não possuía a estrutura desejada pelos médicos, pois carecia de uma série de elementos considerados indispensáveis para total sucesso dos tratamentos.

Heitor Silveira, em sua Tese defendida na faculdade de medicina da UFRGS em 1927, estudou os componentes das águas de Iraí e seus usos. Em suas descrições, o médico apresenta às águas locais, que ficaram conhecidas como sulfurosas pelo odor do ácido sulfídrico, porém, conforme salienta o especialista, esta denominação de “água sulfurosa” deveria ser abandonada, pois os efeitos terapêuticos observados, não dependiam do ácido que existia em pequeníssima quantidade (SILVEIRA, 1927:41).

Sobre a análise da utilidade das águas, Silveira demonstrou a importância histórica da cura termal para crianças e adultos, ressaltando que “a medicação hidromineral estimula a nutrição, regulariza as trocas, ativa os processos de desintoxicação, transforma os terrenos e melhora as constituições orgânicas” (SILVEIRA, 1927:52-53).

Outro fator relevante para o médico era o regime alimentar, que segundo suas observações, era um adjuvante nas estações minerais. Sobre o presente aspecto, o médico faz comparações com as famosas estações européias de Vichy e Royat, demonstrando seu conhecimento sobre o método dietético aplicado conjuntamente aos banhos que, em sua opinião, Iraí deixava a desejar:

* Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRG), Fundo Guarda Nacional, Série Comando Superior, Maço 23, 15/10/1849. Ofício enviado pelo Comandante da Legião da Guarda Nacional do Município de São Leopoldo, João Daniel Hillebrand, ao Comandante Interino da Guarda Nacional na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Muito pouco se fez até hoje em Irahy, a respeito de dietética. Deixemos por isso de bordar comentários sobre este assunto por nos faltarem observações. Não obstante isso, insistimos sobre a necessidade do estabelecimento dos regimens. Esta falha, contudo, realça as propriedades terapêuticas das águas do mel e faz-nos prever resultados muito mais satisfatórios do que os obtidos até hoje, uma vez que ela seja saneada. (SILVEIRA, 1927: 56-57).

Heitor Silveira, também descreveu considerações em torno do clima, que reputava ideal pela oscilação das temperaturas, definindo a estação de verão adequada para banhistas que viviam ordinariamente em cidades, onde o ar é sempre viciado, cheio de pó e de germes. Desta forma, as idas para a vida em pleno ar, excitante por sua pureza e por sua carga de oxigênio, água excelente, e pitoresca natureza exuberante, forneciam condições necessárias para a cura e repouso (SILVEIRA, 1927: 44-50).

O destaque dado à “cidade saúde” aumentou durante a década de 1930. Um dos fatores que provavelmente teria despertado o interesse da população pelas águas foi a edição impressa e ilustrada da Tese do Doutor Silveira, publicada em meados de 1933, pela Editora do Globo (REVISTA DO GLOBO, 1933). Outro agente determinante foi a melhoria da rodovia para Iraí, em 1928, e a estrada de ferro, cinco anos mais tarde.

Diante destes aspectos, a popularidade das águas “milagrosas” também pode ser conferida nos anúncios publicados no jornal da capital gaúcha, *Correio do Povo*, que ofereciam viagens para as águas. O próprio autor da tese, Heitor Silveira, possuía publicidade no *Correio do Povo* (25/01/1939), indicando a cidade termal para o tratamento de injeções de água mineral nas doenças alérgicas, da pele, asma, reumatismo, etc.

No que se refere às viagens, um anúncio de 1936, da empresa *D. Mello & Cia*, oferecia deslocamento em confortáveis ônibus. Os bilhetes tinham validade de 45 dias e poderiam ser adquiridos na famosa “agência de viagens” *Exprinter*. (CORREIO DO POVO, 07/01/1936). Outro anúncio garantindo prazo de 45 dias para volta era o da própria empresa *Exprinter*, que anunciava orçamento para pacotes de 7, 14 ou 21 dias para as principais estações termais do Brasil, inclusive, Iraí (CORREIO DO POVO, 03/01/1937).

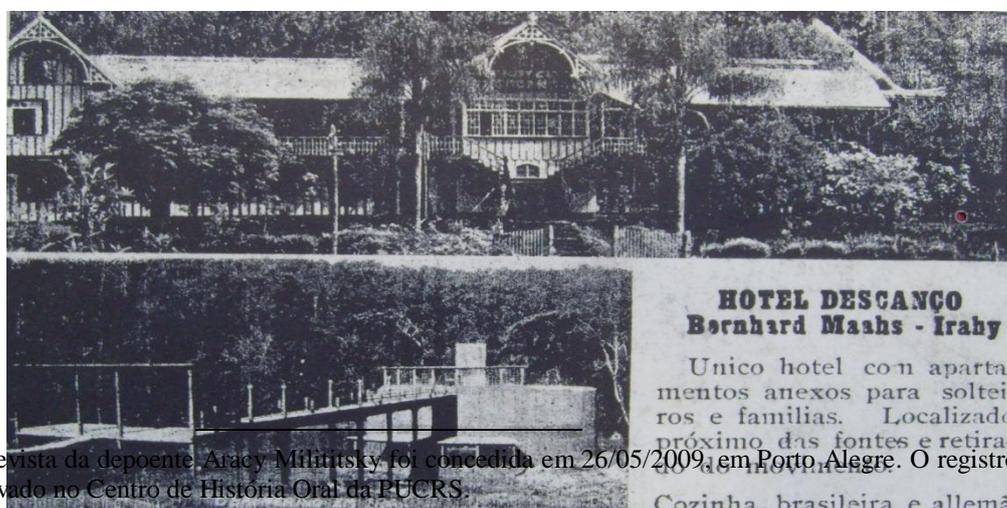
Os anúncios de transporte também evidenciam a freqüentação das águas descrevendo que “as maravilhosas curas obtidas em Iraí estavam atraindo às termas grande número de pessoas”. A publicidade da *Empresa Mello*, também informa sobre o *Hotel Irahy*, um “magnífico edifício de alvenaria” com “ótima cozinha” (CORREIO DO POVO, 16/01/1938).

Conforme a depoente Milititsky, que foi a Iraí pela primeira vez em 1943, acompanhando sua mãe, que havia tido um problema no braço, as águas eram muito recomendadas, além disso, seu marido era fã do Iraí, “ele achava que as águas eram milagrosas”. Milititsky, ainda salienta que os “hotéis e o atendimento eram bons, tinham uma boa mesa, e um ônibus que levava as pessoas do hotel até o balneário.”*

Além dos anúncios, crônicas e noticiários pareciam enfatizar a cidadezinha termal, que recebia a cada ano um número maior de banhistas, que em 1936 representava 1.606 pessoas, e dois anos mais tarde, em 1938, registrou 3.026 banhistas na estação (CORREIO DO POVO, 25/02/1939).

Como toda estação termal, Iraí também possuía cassinos, que faziam parte do processo de “cura” durante a estadia. A inauguração do *Casino Irahya*, em 1939, oferecia diversas atrações em um prédio de três andares, que funcionava sob a fiscalização da prefeitura. (C. POVO, 24/02/1939). Em 1940, outra casa de jogos foi inaugurada, tratava-se do famoso *Casino Guarany*, que teve em sua estréia um jazz, que ficaria, segundo o proprietário Eunico Nunes, em caráter permanente (CORREIO DO POVO, 24/12/1940).

Além dos jogos, bailes e festas de carnaval também animavam os curistas. Essas comemorações sempre eram registradas e ilustradas nas páginas do Correio do Povo, que também anunciavam os nomes dos banhistas que chegavam para hospedar-se em Iraí. Esta tática era muito comum e, de certa forma, também causava boa visibilidade ao local, pois nomes ilustres sempre apareciam nas listas, inclusive, o de médicos como Raul Pilla e Mem de Sá (CORREIO DO POVO, 12/02/1940). Outro fator curioso referente à listagem dos nomes é a diferença étnica de hóspedes que ficavam instalados no Hotel Irahya e no Hotel Descanso, pois é possível constatar que a predominância dos nomes listados no Hotel Descanso é de hóspedes de descendência alemã (CORREIO DO POVO, 01/02/1936):



* A entrevista da depoente Aracy Milititsky foi concedida em 26/05/2009, em Porto Alegre. O registro encontra-se arquivado no Centro de História Oral da PUCRS.

Neste imperativo de cura, Iraí dividiu cenário com as águas das praias gaúchas, que já eram procuradas no final do século XIX, pelo poder curativo das águas salso-iódicas. Duas instalações hoteleiras neste mesmo período confirmam a praxe, que se evidencia no nome do primeiro empreendimento hoteleiro- *Hotel da Saúde*, construído em Tramandaí, no ano de 1888 (SOARES, 2000: 21).

Os banhos frios também ganharam destaque pela ciência médica, que desde o século XVIII concordava sobre os benefícios que os banhos de mar ofereciam. Recomendavam-se banhos gelados para a luta contra o linfatismo, anemia e doenças infantis, sendo desaconselhado aos indivíduos nervosos, cardíacos e diabéticos (DÉSERT, 1997:335).

Em uma matéria no primeiro número da Revista A Gaivota, periódico especializado nas praias gaúchas, consta informações sobre os benefícios obtidos nas curas marítimas, orientando os banhistas a tomarem devidos cuidados nos banhos higiênicos conforme as indicações médicas:

Todo o êxito depende muitas vezes desses judiciosos conselhos que previnem males às vezes bem graves. Principalmente em se tratando de doenças crônicas, não é de se desprezar nunca a opinião de um facultativo.(...).

Muito excitante, a atmosfera marítima não convém aos convalescentes de moléstias pulmonares com propensão a hymophyses.

Os tuberculosos abreviam facilmente seus dias com uma curta temporada na praia mesmo sem usarem banhos.

É evidente pois que o mar, além de ser um refrigério, consiste em eficaz medicina no geral dos casos para crianças, jovens e adultos que sentem atonia nos diferentes sistemas de economia e quando ela se torna duradoura, não havendo lesão orgânica. (A GAIVOTA, 1929).

Curiosamente a passagem do artigo citado refere-se ao tratamento da tuberculose na orla marítima, porém, o Panteão Médico Riograndense, ao tratar sobre a tuberculose, sequer menciona as águas marítimas para atenuar a doença (FRANCO, 1943:208-211).

Dentre os destaques dos discursos médicos no período, Raul Pilla também afirmava que “os banhos, as pulverizações salinas do ar, a limpidez e a forte luminosidade da sua atmosfera fazem das praias marítimas grandes e insubstituíveis fatores higiênicos e terapêuticos” (A GAIVOTA, 1943). Outro discurso médico favorável a balneoterapia foi o de Protásio Alves,

que recomendava a talassoterapia e um bom regime alimentar para alcançar um bom estado de saúde. Segundo o médico, as crianças não deveriam ser forçadas a entrar no mar, pois a viagem e o ar marítimo já eram benéficos (CARDOSO, 2008:94).

Conforme as prescrições médicas e suas orientações, os tratamentos nas praias pareciam ter surtido efeito. Como relatou Milititsky, sua ida a Capão da Canoa estava relacionada à indicação de um pediatra, que teria receitado levar as crianças para praia, pois os mesmos tinham febres constantes: “o meu filho que tinha dois anos, berrava, berrava, e eu achava que tinha que entrar no mar, tinha que dar banho nele, mas era o sol, o sol já era o suficiente”.

Outro exemplo de tratamento nas águas de mar foi o centro de recuperação de crianças asmáticas na Colônia de férias beneficente Júlio de Castilhos, que se localizava na praia de Camboim, um dos balneários que compõem a orla de Arroio do Sal. A Colônia era “um exemplo a serviço de crianças descalcificadas e asmáticas, oferecendo também auxílio físico e educação moral”, como informa o filme *As praias do município de Torres*, mostrando crianças fazendo uma espécie de “polichinelos” à beira-mar*.

Os banhos regrados, com horários pela manhã e ao final da tarde também eram característicos do período banhar. Faziam parte do discurso de cura, pois o sol antes das 8 horas era menos nocivo e as correntes mais benéficas. Esses períodos pautados também permitiam a integração dos banhistas, principalmente daqueles que ficavam hospedados em hotéis que possuíam restaurante, salão social e outros ambientes comuns. A veranista Moína Reck, que frequentou a praia de Torres por volta dos anos 30, lembra das refeições realizadas no restaurante do Hotel Picoral durante o café da manhã, almoço e janta; sua memória olfativa recorda o cheiro da sopa que era servida como entrada principal das refeições**.

Os cassinos também animavam a vida social dos banhistas, como uma espécie de passatempo. No Correio do Povo, expressivos anúncios sobre a temporada de veraneio e a abertura dos cassinos junto às praias, podem ser encontrados diariamente. Anúncios da abertura dos hotéis nas praias também são constantes, sendo que, o destaque merecido a cada um variava conforme suas características. O Hotel Tramandaí, por exemplo, alegava que a referente praia era a “mais linda e saudável do nosso Estado” (CORREIO DO POVO, 26/12/1933). As empresas de viagens também ofereciam pacotes de 15 ou 30 dias para veraneio nas praias de Tramandaí, Capão da Canoa e Torres.

* As praias do município de Torres. Tomazoni Films. Acervo: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Porto Alegre/RS.

** A entrevista da depoente Moína Reck foi concedida em 28/05/2008, em Santa Cruz do Sul. Acervo particular Sílvio Marcus de Souza Correa.

Assim como nas termas de Iraí, os bailes de carnaval nos balneários de água salgada também animavam a sociedade que se reunia para a festividade. As fotografias e matérias sobre o baile, assim como a menção aos importantes membros da sociedade porto-alegrense que se faziam presentes no evento, não passavam em branco nos destaques impressos. Conforme a lembrança da depoente Moina Reck, as festas aconteciam no salão do hotel, tinham enfeites e uma banda que começava a tocar logo depois da janta.

A partir dos anúncios citados, percebe-se que o acesso à praia tornou-se mais acessível a partir dos anos 30. Por este fator, a incorporação da praia como um lugar de descanso, foi agregada pelas diversas classes sociais, que passaram a usufruir dos banhos. Segundo Raul Pilla, a praia tornou-se um lugar de moda e luxo, mas as nossas ainda pertenciam à categoria de tratamento climático e para repouso, exercendo, inclusive, um papel social (A GAIVOTA, 1943).

Como é possível analisar nas fontes, os banhos marcaram um novo período na forma de apreciação da beira-mar. O imperativo salutar, o lugar de lazer e prudência, abriu espaço para uma forma de apreciação popular e lúdica, que posteriormente fez com que os corpos do prazer imperassem diante do conselho médico, tornando a orla um lugar onde se possa repousar durante as férias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prescrição médica para o uso de banhos, assim como a mudança de ares acabaram tendo efeitos profiláticos sobre a saúde de certos curistas. Mas, a ida aos banhos também implicava em certas atividades lúdicas e deslocamentos nem sempre confortáveis, que poderiam abalar ainda mais a saúde ou a própria condição material daqueles que iam às águas.

Em meados do século XIX, o charlatanismo de certos médicos alemães, já havia sido criticado pelo viajante alemão Robert Avé-Lallemant e por Afonso E. de Taunay, que desconfiava dos efeitos hidroterápicos da estação de cura de Caldas da Imperatriz, em Santa Catarina:

“Anualmente aparece nos *Relatórios* dos presidentes da província [de Santa Catarina] um mapa do movimento, no qual figuram sempre de trinta a quarenta doentes, dos quais uns quinze enchem a casa dos curados e doze são declarados quase restabelecidos; mas, pedindo eu os livros de frequência do estabelecimento, reconheci o nenhum cuidado que havia nos lançamentos, as imensas lacunas e o completo descuido que de longa data

presidiram esses rudimentares trabalhos de estatística” (TAUNAY, 2009: 97).

A cura para certas doenças dependia, entre outros fatores, das propriedades das águas de uma estação termal. Por isso, algumas estações balneárias eram mais indicadas para certas moléstias, enquanto outras eram procuradas por curistas portadores de determinadas enfermidades.

A introdução de cassinos e outras atividades junto as estações visavam entreter os curistas e seus acompanhantes. Esta forma ludoterapia acabou suscitando dúvidas quanto à eficácia das estações de cura. A escritora Nísia Floresta, em seu relato de viagem à Alemanha, reclamou dos jogos e o quanto os mesmos eram maléficis para o ambiente social dos balneários europeus. O médico Raul Pilla, também criticou os balneários regionais nos quais os jogos tinham primazia sobre os preceitos terapêuticos e higiênicos. Enfim, a polêmica sobre a influência maléfica ou benéfica dos jogos, das festas, dos passeios e outras atividades sociais que ocorriam durante o tratamento transcorreu ao longo de toda a história dos balneários. Mas se tudo isso concorria para curar ou não alguns enfermos, trata-se de outra história...

Referências Bibliográficas

BOYER, Marc. *Les Villegiatures du XVIe au XXI siècle*. França: Édition EMS, 2008.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma pré- história do turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808- 1850)*. São Paulo, Aleph, 2007.

CARDOSO, Eduardo Mattos. *A invenção de Torres: do balneário Picoral à criação da Sociedade Amigos da Praia de Torres- SAPT (1910- 1950)*. Dissertação (Mestrado). Unisinos, 2008.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

CORREA, Sílvio M. S. *Germanismo e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul*. XVIII Simpósio de História da Imigração e Colonização - “Saúde: Corporeidade – Educação”. São Leopoldo, Unisinos, 2008.

DÉSERT, Gabriel. *Banhos de mar por receita médica*. In: GOFF, Jaques Le. *As doenças têm história*. Portugal: Terramar editora. 1997.

FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Santa Cruz do Sul, Edunisc, 1998.

FRANCO, Alvaro; RAMOS, Maria (dir.). *Panteão médico riograndense: síntese cultural e histórica*. São Paulo: Ramos Franco, 1943.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de Outrora*. Viajantes latino-americanas no século XIX. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

GERTZ, René. *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*. EDIPUCRS, 2002.

MARRAS, Stélio. *Revista Nossa História*. São Paulo. Dezembro de 2008.

QUINTELA, M. M. *Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)*. In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 11 (suplemento 1): 239- 60, 2004.

PORTO ALEGRE, A. *Queda e Redenção*, in MOREIRA, Maria Eunice (Org.) *Narradores do Partenon Literário*. Porto Alegre: IEL, 2002.

SILVEIRA, Heitor. *A estância de águas minerais de Irahya (fontes do mel) e suas indicações e contra-indicações terapêuticas*. Tese de Doutorado, UFRGS, 1927.

SOARES, Leda. *A Saga das praias Gaúchas: de Quintão a Torres*. Martins Livreiro, Porto Alegre, 2000.

TAUNAY, Visconde de. *Paisagens brasileiras*. Brasília: Editora do Senado Federal, volume 89, 2009

WEBER, Eugen. *Fraça fin-de- siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Jornais e Revistas:

A GAIVOTA, Revista ilustrada das praias balneárias do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1929. Acervo: Instituto Histórico e Geográfico.

A GAIVOTA, Revista ilustrada das praias balneárias do Rio Grande do Sul, n.17, Porto Alegre, 1943. Acervo: Particular.

CORREIO DO POVO, 26/12/1933.

CORREIO DO POVO, 07/01/1936.

CORREIO DO POVO, 03/01/1937.

CORREIO DO POVO, 16/01/1938.

CORREIO DO POVO, 25/01/1939. Acervo MCHJC/POA

DEUTSCHE ZEITUNG, Porto Alegre, 29 de outubro de 1895. Arquivo Benno Mentz/ILEA (UFRGS).

DEUTSCHE ZEITUNG, Porto Alegre, 22, 25 e 29 de outubro de 1895.

KALENDER, 1915. Acervo Benno Mentz/UFRGS/ILEA.

REVISTA DO GLOBO, número 14, s/p, 1931. Acervo MCHJC/ POA

REVISTA DO GLOBO, n° 21, 1933.

